



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

José Dino Costa Cavalcante

Universidade Federal do Maranhão

orcid.org/0000-0003-0181-894X

dinofma@gmail.com

Mauro Cezar Borges Vieira

Universidade Federal do Maranhão

orcid.org/0000-0003-3382-0550

vieiramaurocezar@gmail.com

Humberto de Campos autobiográfico: uma abordagem lejeuniana de Memórias e Memórias Inacabadas

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar as obras Memórias e Memórias Inacabadas, de Humberto de Campos, sob a teoria autobiográfica de Philippe Lejeune. Para tanto, utilizamos os dois primeiros ensaios do escritor francês para demonstrar, de maneira prática, a evolução de sua teoria. Dessa forma, utilizamos os trabalhos de Lejeune (2014a; 2014b), Agra (2014), a fortuna crítica sobre as obras analisadas contida em Montello (2018a; 2018b; 2018c) além dos relatos subjacentes de Campos (2010a; 2010b) e Campos Filho (1997). Percebe-se, ao tomar contato com a teoria sobre autobiografia, que Lejeune, ao abandonar a sua hermética posição inicial, consegue postular princípios que proporcionam uma melhor subsunção da teoria ao objeto. Assim, ele amplia os seus estudos não só no que se refere à profundidade da análise dos objetos como também ao rol de objetos estudados. Dessa forma, pode-se analisar a autobiografia de Humberto de Campos sob prismas diferentes oriundos do mesmo teórico.

Palavras-chave: Autobiografia; Lejeune; Humberto de Campos.

INTRODUÇÃO



Apesar de ter conquistado um assento na Academia Brasileira de Letras e na Câmara dos Deputados, nada da juventude de Humberto de Campos apontava para esse caminho. Essa era a opinião do próprio autor que, em suas memórias (compreendidas pelo livro *Memórias*, publicado no ano anterior à sua morte e pelo livro *Memórias Inacabadas*, publicado postumamente) narra desde a sua ancestralidade, nos capítulos em que Humberto trata de sua ascendência a partir dos seus avós, até a sua juventude, por volta dos dezesseis anos. Escrito para fazer parte de um projeto autobiográfico maior, o livro de memórias ficou completo somente no primeiro volume, haja vista que a morte encontrou Humberto de Campos antes da conclusão do segundo volume.

Assim, este trabalho pretende analisar esses dois livros de memórias, à luz da teoria autobiográfica de Philippe Lejeune. Tendo estudado a autobiografia desde o início da década de 1970, o teórico francês mudou seus posicionamentos ao longo do tempo. Dessa forma, iremos proceder a essa análise enfocando as mudanças que fizeram com que Lejeune desistisse de sua posição ortodoxa em favor de uma teoria mais abrangente. Na primeira parte, iremos contextualizar as obras dentro do projeto autobiográfico de Humberto de Campos. Na segunda parte, a análise se dará a partir do ensaio *O pacto autobiográfico*, marco inicial dos estudos modernos do gênero, percorrendo os pontos principais da teoria, e, por fim, apresentaremos as diferenças práticas dessa mudança teórica de Lejeune analisando os mesmos pontos sob a luz de *O pacto autobiográfico (bis)*.

112

MEMÓRIAS E MEMÓRIAS INACABADAS: UMA PARTE DO PROJETO AUTOBIOGRÁFICO DE HUMBERTO DE CAMPOS

Houve um momento na vida de Humberto de Campos, em que o motivo lírico se associou à prosa admirável, daí resultando o livro que poderia ter sido a obra culminante de Humberto de Campos, obra que ficaria inacabada, reduzida, aos seus dois volumes iniciais. Refiro-me às suas Memórias. (MONTELLO, 2018b, p. 233)



A ideia de narrar as suas memórias ocorreu a Humberto de Campos em 1912 numa viagem a Parnaíba, cidade em que morou em sua juventude. A partir de então, o autor passou a recolher os assuntos que comporiam seu texto autobiográfico cujo primeiro volume só seria publicado, após várias reescritas¹, no início de 1933, mais de vinte anos depois. É importante notar que, desde a sua composição, as memórias faziam parte de um projeto autobiográfico maior, como afirma o próprio autor em seu diário:

Em janeiro de 1912, por ocasião de uma viagem a Parnaíba, no Piauí, comecei as minhas Memórias, que reencetei, meses depois, no Pará, e em 1915, no Rio de Janeiro. Interrompidas ao narrar os acontecimentos de 1903, 17 anos da minha vida, pretendo, agora, continuá-las. Se conseguir reatá-las, e chegar ao ano de 1927. Essas Memórias, unidas a este Diário, constituirão a minha autobiografia, completa e fiel". (CAMPOS, 2010a, p. 106)

Contudo, a morte prematura, poucos meses depois de completar 48 anos, não permitiu que esse empreendimento fosse completado pelo próprio autor, haja vista que o último capítulo de *Memórias Inacabadas* se passa em 1903, bem antes do 1927 que deveria encerrar o projeto original.

Outro desvio de caminho foi a publicação de uma primeira parte, intitulada somente *Memórias*, em 1933. Durante a escrita da obra, o autor não registra em seu diário nenhuma indicação de que o material seria dividido em mais de um volume, como acabou acontecendo. Pelo contrário, a forma como abordava o assunto deixa transparecer que, se essa ideia já preexistia, Humberto não conseguia visualizar a publicação em separado como um fator dissociativo de sua obra memorialística. Agra (2014), em sua tese de doutorado, levanta duas hipóteses para essa separação:

O que seria o livro de Memórias precisou ser dividido em dois, a fim de que os capítulos já prontos, que comporiam o primeiro volume, fossem logo publicados – talvez isso tenha se dado por mera exigência editorial, então, a cargo da Editora Marisa, posteriormente, passando para a Editora de José Olympio; **mas talvez tenha sido por necessidades pessoais [...]** (AGRA, 2014, p. 229, grifo nosso).

Como ele próprio registrou na época, a extinção de seu segundo mandato como deputado federal pelo golpe de 1930 deixou Humberto em situação financeira instável, obrigando-o inclusive a alugar a sua casa recém-inaugurada para ir morar em algum lugar que pudesse transformar numa pequena pensão. É provável que essa situação financeira tenha feito com que o próprio autor decidisse dividir suas memórias em duas partes a fim de recolher os

ganhos financeiros o quanto antes (AGRA, 2014). Como o segundo volume de *Memórias* não pode ser finalizado por conta do falecimento do autor, a família decidiu pela publicação do material já escrito sob o título de *Memórias Inacabadas*. Vale ressaltar que Humberto de Campos já tinha recebido uma proposta por esse segundo volume, como relata em seu diário em 24 de fevereiro de 1933:



José Olympio [...] deseja publicar a segunda parte das *Memórias*. Oferece-me 8.000\$000, ante a apresentação dos originais, para uma primeira edição de cinco mil exemplares. Como ainda não tenha, sequer, iniciado esse trabalho, mando-lhe dizer que só poderei dar uma resposta depois do livro concluído e pronto para o prelo. (CAMPOS, 2010b, p. 396).

Essa proposta financeira assevera a opinião do próprio Humberto que viu a publicação do primeiro volume como um sucesso tanto de vendas quanto de crítica, apesar de a Editora Marisa não ter pago pelo primeiro volume das memórias nem metade daquilo que José Olympio lhe oferecia para a publicação do segundoⁱⁱ.

No prefácio de *Memórias*, Humberto de Campos, seguindo Georges Brandes, identifica três tipos de textos autobiográficos “[...] o dos que falam de si próprios, o dos que aproveitam a sua história para falar dos contemporâneos e o dos que a utilizam para repetir o que os contemporâneos disseram da sua pessoa” (CAMPOS, 2009a, p. 23) se identificando com o primeiro grupo, ao qual, segundo ele, se filiam também nomes como Rousseau e Santo Agostinho. No parágrafo seguinte, deixa claro o objetivo daquelas memórias:

Os objetivos da obra iniciada com este volume, e principalmente os dele, são, todavia, aqueles que se poderiam descobrir em Santo Agostinho, entre os antigos, em Jean-Jacques [Rousseau], há dois séculos, e em [Máximo] Górkí entre os contemporâneos: a confissão pública de faltas particulares, numa penitência de possíveis pecados de egoísmo e de orgulho; e a demonstração de como pode um homem, pela simples força de sua vontade, desajudado de todos os atributos físicos e morais para a vitória, libertar-se da ignorância absoluta e de defeitos aparentemente incorrigíveis, desviando-se dos caminhos que o levariam ao crime e à prisão para outros que o poderão conduzir a uma poltrona de Academia e a uma cadeira de Parlamento. (CAMPOS, 2009a, p. 23)

Essa característica pedagógica do seu texto pode ser vinculada às suas leituras de George Smiles, autor inglês notabilizado pela escrita de biografias de homens nas quais enfatizava suas conquistas pessoais com o objetivo de compor uma obra



moralmente edificante. É considerado, em razão desse caráter de suas obras, um dos precursores do gênero de autoajuda. Sobre ele, Agra (2014, p. 239) afirma:

O seu primeiro livro de aconselhamentos e ensinamentos, portanto, oferecidos por meio da construção de biografias edificantes, foi produzido a partir de uma série de conferências proferidas em Leeds a jovens trabalhadores, com o fim de mobilizá-los a buscarem ascender socialmente nesse mercado de trabalho, cultuando aptidões e valores morais, éticos e religiosos que se apresentavam na sociedade industrial inglesa oitocentista.

Ademais, essa relação é estabelecida pelo próprio Humberto de Campos em *Memórias Inacabadas*, num trecho que ajuda a compreender a intenção do autor no prefácio de suas memórias:

Smiles foi, positivamente, o melhor amigo que encontrei na adolescência. Os seus livros, ricos de exemplos, coloridos com a vida de homens eminentes que haviam, pelo próprio esforço e pela tenacidade, subido do anonimato mais escuro aos esplendores da glória mais límpida, constituíram o maior incentivo do meu espírito e da minha vontade. Ao ler a história daqueles inventores, daqueles poetas, daqueles homens de Estado que haviam marchado para a notoriedade como os Reis Magos marcharam para Belém de Judá, isto é, com os olhos fixos numa estrela, eu me enchia de coragem, e uma alegria intensa e nova, se apossava de mim. *O Dever, o Poder da Vontade, O Caráter, Ajuda-te, A Vida e o Trabalho*, tornaram-se a minha Bíblia. Aqueles varões insignes, orgulho da sua Pátria e do seu século, animavam-me do fundo dos tempos e dos túmulos, lembrando-se a sua pobreza, a sua fome, os seus tormentos, e o desassombro com que haviam vencido os obstáculos que os cercavam. Eu não receberia, com certeza, jamais, o prêmio que lhes havia coroado o estudo, a pertinácia, e a resignação. Mas a alegria de conhecê-los, de saber que eles haviam sofrido o que eu sofria, era, já, um consolo para a minha humildade. Trabalhando e sonhando, eles tinham sido, de algum modo, meus irmãos. (CAMPOS, 2009b, p. 330-331)

Assim, podemos perceber a intrínseca relação que se estabelece entre os livros citados acima por Humberto e o seu próprio, afinal, a intenção do autor era ser reconhecido como modelo para os jovens assim como ele tinha reconhecido modelos nos livros de George Smilesⁱⁱⁱ. Portanto, não é difícil encontrar relatos de infância nos quais Humberto se diminuiu, evidenciando sua falta de valores morais como forma de tornar a sua ascensão ainda mais penosa e, por isso mesmo, digna de ser reconhecida como modelo. Humberto de Campos não alivia no seu autorretrato, principalmente nas narrativas de *Memórias*. Dentre as faltas que o autor relata, destacam-se a vez em que ele, menino, marcou a ferro a sua irmã com uma tesoura e os seus furtos do caixa da mercearia de seu tio Emídio Veras, evento que desencadearia uma

série de fatores que faria com que ele tivesse que se mudar para São Luís com o propósito de arrumar emprego.

Memórias inicia antes mesmo do nascimento de Humberto de Campos. Os primeiros capítulos são dedicados à sua ascendência, com um capítulo sobre os antepassados, outro sobre a avó paterna, um sobre o pai, outro sobre a mãe, e ainda mais um sobre Miritiba, que viria mais tarde a se tornar a cidade de Humberto de Campos. Somente o quinto capítulo é que o autor se introduz a partir de seu nascimento. Em *Memórias* destacam-se os capítulos que giram em torno de sua convivência com pai até a morte deste, deixando-o órfão por volta de seus seis ou sete anos. Também chamam a atenção os chamados “Capítulos para Freud” (são três), em que o autor, supostamente, narraria experiências sexuais, mas que foram suprimidos do texto pelo próprio autor, como fica claro nesta nota de rodapé: “A parte que se segue será acrescentada em edição póstuma. Os originais, como os de outros capítulos freudianos, encontram-se depositados, com esse objetivo, no cofre da Academia Brasileira de Letras”. (CAMPOS, 2010^a, p. 69). Contudo, ao publicar-se a última edição, estes capítulos não tinham sido encontrados nem em posse da Academia Brasileira de Letras nem com a família. *Memórias* ainda narra a mudança da família para Parnaíba, no Piauí, cidade em que morava a família de sua mãe, e termina com os primeiros momentos da estadia de Humberto de Campos em São Luís. Na última cena do livro encontramos Humberto fazendo a contagem do estoque da Casa Trasmontana durante a virada do século XIX para o XX.

A narrativa de *Memórias Inacabadas* se passa a partir de 1901 em três localidades: São Luís, Parnaíba e Belém. No início do livro, encontramos Humberto, com treze anos, empregado na Casa Trasmontana, mercearia do senhor José Dias que era casado com uma tia sua. A casa, situada na rua da Paz, existe ainda hoje e fica de frente para o antigo prédio da Biblioteca Pública, hoje sede da Academia Maranhense de Letras. Tem quatro andares: um porão, no qual são guardados os gêneros, o primeiro pavimento no qual ficava a casa comercial, o segundo onde se situava a residência e um amplo sótão, com janelões abertos para os dois lados da cidade, onde moravam os funcionários da mercearia. A proximidade com a biblioteca fez com que Humberto passasse boa parte do seu tempo livre envolvido com a





leitura, além de atrair para o estabelecimento em que trabalhava toda a sorte de intelectuais, com os quais teve contato, entre eles Sousândrade.

Voltando para Parnaíba, onde tinha deixado a mãe, Humberto fica à espera do chamado de seu tio Antoninho que, ainda em São Luís, tinha lhe chamado para Belém com a promessa de arrumar-lhe um emprego. É nessa época que as primeiras letras lhe saem da pena ainda incipiente, já contando com algumas características que se mantiveram ao longo do tempo, entre elas o gosto pela narrativa trágica e fúnebre. Cansado de esperar pelo chamado do tio, muda-se por conta própria para o Pará, trabalha um tempo no seringal até se mudar para a capital, arrumando um emprego como tipógrafo, profissão que já tinha exercido tanto em Parnaíba quanto em São Luís. Apesar do livro se encerrar antes, é nessa passagem por Belém que Humberto de Campos conhece Catharina, aquela que seria a mãe de seus filhos, passa de tipógrafo a jornalista e começa a ganhar notoriedade, tendo, mais tarde que fugir para o Rio de Janeiro em razão da perseguição política. (CAMPOS FILHO, 1997).

117

UMA ANÁLISE LEJEUNIANA DAS MEMÓRIAS DE HUMBERTO DE CAMPOS

Philippe Lejeune iniciou os seus estudos acerca da autobiografia em 1971 com o ensaio *L'autobiographie en France* (LEJEUNE, 2014a), mas foi em 1975, com *O pacto autobiográfico* que ganhou notoriedade. Como escrito inaugural sobre o gênero na França, Lejeune se preocupou em estabelecer diretrizes para o estudo da autobiografia e foi essa intenção que resultou em um texto ortodoxo que começa por uma definição: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história, em particular a história de sua personalidade”. (LEJEUNE, 2014a, p. 16). Segundo o próprio Lejeune, a vantagem de se postular uma definição logo no início é que esta traz consigo uma constituição de *corpus* para o estudo. Assim, não é difícil perceber que, a partir deste conceito, tanto *Memórias* quanto *Memórias Inacabadas* de Humberto de Campos

são um exemplo de autobiografia para Lejeune. Ademais, todas as outras características enunciadas por Lejeune são encontradas em nessas obras, a saber:



1. Forma da linguagem (narrativa; em prosa)
2. Assunto tratado (vida individual, história de uma personalidade)
3. Situação do autor (identidade do autor e do narrador)
4. Posição do narrador (identidade narrador = personagem principal; perspectiva retrospectiva da narrativa) (LEJEUNE, 2014a, p. 17)

Em contrapartida, se considerarmos a ideia do projeto autobiográfico idealizado pelo autor maranhense que incluiria, além dos volumes de suas memórias, o diário, certamente Lejeune não o veria com bons olhos, afinal, nesta configuração, o diário não pode ser considerado autobiografia por não obedecer ao padrão de narrativa retrospectiva.

Apesar de ter iniciado com a definição de autobiografia, esta não é o ponto principal de Lejeune em seu ensaio. Este posto cabe à noção que dá nome ao texto, o pacto autobiográfico. Para Lejeune (2014a), ao se deparar com um texto autobiográfico pouca ou quase nenhuma diferença há para o texto romanesco. Porém, quando se considera outros elementos, por exemplo a capa, como parte do texto, a diferença salta aos olhos em razão de um reconhecimento de identidade através do nome do autor. O pacto autobiográfico é, justamente, esse reconhecimento de identidade do nome confluindo na mesma pessoa o autor, narrador e personagem da obra.

Para além desse reconhecimento de identidade, Lejeune ainda teoriza uma outra forma de estabelecimento do pacto autobiográfico, um reconhecimento direto, através dos textos iniciais da obra (prefácio, introdução, apresentação, etc.) onde o narrador, textualmente, estabelece o pacto se apresentando igualmente como autor e personagem. Assim, a primeira forma depende mais da atitude do leitor do que a segunda, afinal, é necessário certo movimento de leitura para reconhecer a identidade *autor-narrador-personagem*.

Podemos reconhecer as duas formas de estabelecimento do pacto autobiográfico nas obras analisadas. A primeira delas, a forma tácita, fica evidente quando iniciamos a leitura. Há um constante movimento extratextual do narrador que aponta para aquele que segura a pena no momento da composição. A segunda forma, no



entanto, só fica evidente em *Memórias*, já que só esse volume possui um prefácio. Contudo, se tomarmos *Memórias Inacabadas* como sequência lógica e direta de *Memórias*, não podendo dissociá-las num plano autobiográfico geral, tal como apresentamos na primeira parte deste estudo, podemos reconhecer que o prefácio da primeira serve, também, como prefácio à segunda, haja visto que tenham sido escritas uma como continuação da outra.

A noção de pacto autobiográfico está, portanto, intimamente relacionada com a noção de autor. Para Lejeune (2014a), o autor é um produtor de discursos que, a partir de suas publicações, se permite ser imaginado pelo leitor. Mas, principalmente, o ponto principal para Lejeune é que o autor tem realidade extratextual. Ele é “única marca no texto de uma realidade indubitável, remetendo a uma pessoa real, que solicita, dessa forma, que lhe seja, em última instância, atribuída a responsabilidade da enunciação de todo o texto escrito”. (LEJEUNE, 2014a, p. 26-27).

Tendo publicado suas memórias já como um escritor respeitável, membro da Academia Brasileira de Letras, Humberto de Campos não só cumpre seu papel de autor enquanto produtor de discursos como também não deixa dúvidas de sua existência extratextual^{iv}.

Contudo, a ideia de pacto autobiográfico não é o único sustentáculo para a teoria lejeuniana. Aliado a este, o autor propõe outro, o pacto referencial. Este se resume num compromisso com a verdade que advém da identidade *autor-narrador-personagem*. Para Lejeune, a autobiografia é um compromisso de verdade:

[...] exatamente como o discurso científico ou histórico, eles se propõem a fornecer informações a respeito de uma ‘realidade’ externa ao texto e a se submeter portanto a uma prova de *verificação*. Seu objetivo não é a simples verossimilhança, mas a semelhança com o verdadeiro. Não o ‘efeito do real’, mas a imagem do real. (LEJEUNE, 2014a, p. 43, grifos do autor)

E assim se estabelece o pacto referencial, com a ideia de que toda a existência intratextual já foi, em algum momento da vida do autor, extratextual e, agora, foi narrada da maneira que aconteceu. Como se pode notar, a ideia de pacto referencial está intimamente ligada à noção de autor como sendo um indivíduo que tem realidade extratextual e que, por isso, pode estabelecer um contrato de verdade

além de possuir, como ninguém mais, conhecimento dos assuntos de sua vida íntima.

Contudo, a noção de pacto referencial, tal como Lejeune (2014a) propôs, acaba por levantar alguns questionamentos. Como confrontar um mesmo acontecimento no qual duas pessoas têm versões diferentes para o ocorrido? Este ponto pode ser ilustrado pelo seguinte comentário:

Conheci em Parnaíba sua mãe, D. Nica, já velhinha (o filho ilustre já morto): em mistura com as saudades, ela achava que Humberto de Campos exagerara, nas suas *Memórias*, pois a família não havia passado por tanta miséria (ASSIS BRASIL, 1994, p. 73)

Este relato, feito por Assis Brasil no seu *A poesia maranhense do século XX*, depõe contra a noção de pacto referencial estabelecido pelo relato autobiográfico de Humberto de Campos. Por mais que se possa argumentar de que no choque entre o autor e o comentário de outrem sobre a opinião de uma das personagens da história o mais confiável seria acreditar nas palavras do autor, o único ponto que se levanta dessa argumentação é somente a confiança, categoria irrelevante para os domínios científicos.

Outro questionamento que surge da ideia de pacto referencial reside no fato de que, por mais que se pudesse considerar um relato como referencial, não se pode, em contrapartida, considerar que há somente uma interpretação dos fatos narrados. É o que acontece em um dos capítulos de *Memórias Inacabadas*, intitulado “A hora sagrada”, no qual Humberto de Campos, em Parnaíba, entra em contato com os jornais literários de São Luís, identificando dois grupos distintos, o de Antônio Lobo, que publicava a revista *Os novos*, e o de Nascimento Morais, que publicava *Renascença*. Referindo-se ao primeiro grupo, Humberto usa os predicativos “[...] sereno, ponderado, mergulhado em sonho e meditação” (CAMPOS, 2009b, p. 314). Contudo, Nascimento Morais Filho, na reedição de *Vencidos e Degenerados*, romance mais famoso de seu pai, levanta-se contra essa visão de Humberto de Campos:

Não era tanto assim ‘sereno, ponderado, mergulhado em sonho e meditação’ o grupo Antônio Lobo [...]. Sem a sensibilidade necessária para compreender o papel que cada um representava no palco dos acontecimentos [...] e sem atinar para o espírito que animava as palavras dos contadores, interpretou Humberto de Campos o efeito pela causa em termos de maratona intelectual!... Ao contrário, encontraria as causas, tão evidentes, e, veria então em





Antonio Lobo e Nascimento Morais dois símbolos – o primeiro encarnando a burguesia capitalista nas vascas da agonia [...] o segundo, o incontrolável movimento da ascensão das classes populares [...]. (MORAIS FILHO, 1986, p. 330)

Assim, apesar das contribuições ao estudo da autobiografia, a revelação da imagem do real, proposta pelo pacto referencial tende a se mostrar a mais fácil de ser posta em cheque. E isso

não demorou a acontecer. Em 1977, Serge Doubrovsky publica a obra *Fils*, obedecendo ao pacto autobiográfico mas desrespeitando o pacto referencial. Apesar de ser autor, narrador e personagem da obra, Doubrovsky afirma que todo o seu conteúdo é ficcional, demonstrando que a relação entre os dois pactos proposta por Lejeune não é indissociável como ele tinha postulado. Durante a década seguinte, essa autoficção, proposta por Doubrovsky ganha adeptos na França^v, fazendo com que as contribuições lejeunianas ecoem cada vez menos. É então que, onze anos após a publicação de *O pacto autobiográfico*, e nove anos depois da publicação de *Fils*, Lejeune revisita seu trabalho no ensaio *O pacto autobiográfico (bis)*, levantando questões acerca de sua ortodoxia e mudando de visão em alguns pontos. Assim, a tarefa de analisar os mesmos *Memórias* e *Memórias Inacabadas* por essa nova lente lejeuniana pode revelar domínios ainda não percebidos.

121

UM NOVO LEJEUNE PARA O MESMO HUMBERTO

Um dos primeiros posicionamentos que Lejeune reavalia em seu *O pacto autobiográfico (bis)* é a definição. Admitindo que a sua preocupação com a definição era menos conceituar do que definir um *corpus*, afirmação que já havia feito no texto anterior, o autor admite que ao invés de se tornar ponto de partida para as análises, a definição havia se tornado ponto de chegada, restringindo, de início, sua teoria. Assim, nesse novo panorama a “[...] ‘autobiografia’ pode designar também qualquer texto em que o autor parece expressar sua vida ou seus sentimentos, quaisquer que sejam a forma do texto e o contrato proposto por ele”. (LEJEUNE, 2014b, p. 62, grifo do autor). Percebe-se, então, que o autor abandona as noções de narrativa retrospectiva e história da personalidade em favor de uma definição mais extensa e, por isso, menos pragmática.



Portanto, nessa nova perspectiva, não só as memórias de Humberto de Campos seriam consideradas autobiografias como também o seu diário, que, como vimos, ficava de fora no escopo anterior.

As noções de pacto também são revisitadas por Lejeune. O pacto autobiográfico, apesar de mantido, passa por uma reformulação na sua forma de estabelecimento, principalmente no que diz respeito à identidade do autor. Antes preconizando a identidade *autor-narrador-personagem*, Lejeune agora relativiza esse conceito não falando mais em identidade, mas sim em semelhança entre esses nomes: “O nome do personagem pode ser ao mesmo tempo semelhante ao nome do autor e diferente: mesmas iniciais, nomes diferentes [...]; mesmo nome, sobrenome diferentes [...] etc.”. (LEJEUNE, 2014b, p. 68).

Porém, é a partir da noção de autor, que é posta em cheque, que Lejeune começa a relativizar o seu pacto referencial. Antes sendo o fiador da verdade no texto autobiográfico em razão de sua existência extratextual, o autor agora sofre questionamentos, resultando na perda da imagem do real. É nesse contexto que Lejeune (2014b, p. 69) levanta as seguintes perguntas:

[...] em que condições o nome próprio do autor pode ser percebido por um leitor como ‘fictício’ ou ambíguo? Como se articulam, nesses textos, o uso referencial da linguagem, no qual as categorias de verdade (que se opõe a mentira) e realidade (que se opõe a ficção) permanecem pertinentes, e a prática da escrita literária, na qual essas categorias se esvanecem?

Esses questionamentos vão levar Lejeune a abrir mão de sua *imagem do real* em favor de uma versão do real perpassada pelo texto. Esse movimento afasta o texto autobiográfico do histórico ou científico, posição que Lejeune o tinha colocado em *O pacto autobiográfico*, e o aproxima da literatura, especialmente a partir da afirmação a seguir:

Como se pode pensar que, na autobiografia, a vida vivida produz o texto, quando é o texto que produz a vida!... Meu propósito em ‘O pacto autobiográfico’ não era entrar nesse debate, mas simplesmente explicitar e descrever as posições e crenças necessárias ao funcionamento desse sistema (LEJEUNE, 2014b, p. 75-76)

Assim, para preservar a referencialidade, Lejeune fala agora sobre intencionalidade do autor. Mesmo que não se possa confiar totalmente nos

relatos autobiográficos, o fato do autor ter a intenção de contar a verdade ao leitor separa o texto autobiográfico do



romanesco, mesmo que haja a possibilidade de defasagem no reconhecimento de intencionalidade do autor por parte do leitor (LEJEUNE, 2014b).

Dessa maneira, não precisamos adotar posições dicotômicas em relação à resposta de Nascimento Morais Filho aos escritos de Humberto de Campos em *Memórias Inacabadas* que tratam da relação do seu pai com Antônio Lobo. Também não é necessário adotar tal postura em relação ao posicionamento da mãe de Humberto de Campos relatado por Assis Brasil. Não se trata mais de acreditar ou não na verdade do texto autobiográfico. Trata-se, na verdade, de reconhecer que o autor usa o texto para compor uma imagem sua da realidade.

É provável que, neste último caso – em que sua mãe contesta o cenário composto por Humberto de Campos –, o autor tenha carregado nas suas lamentações, nos relatos de penúria em favor de, pelo menos, duas razões. Uma delas é a de tornar o seu caminho mais difícil e, assim, valorizar não só a sua própria trajetória de ascensão, mas também o caráter pedagógico de seu livro de memórias, conforme tratamos na primeira parte deste trabalho. Um outro motivo que pode ser encontrado é o fato de que Humberto passava por um momento muito difícil de sua vida enquanto compunha seus dois livros de memórias. Além de ter perdido seu mandato de deputado federal e ter abandonado sua casa recém-construída com receio da perseguição política do governo Vargas, Humberto passava por problemas de saúde bastante delicados que só se agravaram até a sua morte. Isso contribuía para que aquele homem, que já não era um exemplo de felicidade, se sentisse cada vez pior consigo mesmo. Dessa maneira, suas memórias podem ter servido também como uma espécie de fuga do presente, mesmo que de maneira passageira, conforme afirma Agra (2014, p. 233):

A percepção de ter atingido a morte espiritual, ou morte moral, provocada pelo sentimento de decadência e de fraqueza, de exaurimento de sua força vital, de sua potência, consistiu no pontapé por meio do qual Humberto, apático com o que o presente lhe oferecia, voltou o seu olhar para o passado, e elaborou o seu olhar sobre si mesmo, sobre a sua trajetória, fugindo, desta maneira, do presente que apenas lhe fornecia frustrações e ilusões perdidas, e buscando no passado, nos tempos idos, o filete de força vital que já havia nele existido e ter-lhe-ia possibilitado chegar tão longe, subir tão alto, vindo de tão baixo, antes da queda.



Assim “Humberto quis atestar ao leitor que o seu livro conteria o relato verdadeiro, ‘fiel’, de sua vida, expondo sem pudor diversos de seus atos, em especial, seus erros, seus vícios e seus pecados” (AGRA, 2014, p. 238, grifo do autor) num ritual ambíguo no qual retorna a um passado que, embora mais simples, lhe mostrava uma versão sua no qual ele tinha ainda os defeitos que lhe entregariam um futuro pior do que aquele presente que vivia.

Um outro ponto a ser observado em *Memórias e Memórias Inacabadas* em relação a *O pacto autobiográfico (bis)* é o que Lejeune chama de estilo. Se antes o autor francês se limitava a falar de uma autobiografia em prosa (LEJEUNE, 2014a), agora ele se volta para a forma com a qual são escritas as autobiografias afirmando que “[...] a narrativa autobiográfica *stricto sensu* tende a absorver progressivamente as técnicas experimentadas na ficção” (LEJEUNE, 2014b, p. 70, grifo do autor). Assim, Lejeune (2014b, p. 71) identifica um paradoxo na autobiografia pois o “[...] seu jogo duplo é pretender ser ao mesmo tempo um discurso verídico e uma obra de arte”.

Não é difícil encontrar peças de crítica exaltando *Memórias e Memórias Inacabadas*, identificando igualmente seu valor memorialístico e estético. Aqui reproduzimos dois trechos de crítica do seu conterrâneo Josué Montello que ilustram essa afirmação:

Suas *Memórias*, de que somente nos ficaram dois volumes, poderiam ter sido, para ele, a grande obra plenamente realizada, se o memorialista houvesse chegado ao termo de sua proposta literária. *Inacabadas*, com a morte do escritor no instante em que afirmava esplendidamente a sua maturidade, dão-nos a impressão de algo que subitamente falhou, como um belo caminho interrompido. (MONTELLO, 2018a, p. 244, grifo do autor)

A publicação de *Memórias* corresponde à maturidade plena de Humberto de Campos. Está senhor absoluto de um estilo límpido e objetivo. Não se faz necessário relê-lo para dominar-lhe o pensamento. Tem o tom da melancolia profunda a busca de si mesmo no livro de reminiscências. E esse tom comove, e cria o interesse e a solidariedade do público, que entra em contato, não mais com o escritor malicioso e jovial dos contos galantes, mas com o Humberto de Campos sofrido e desalentado, que perdera a casa, perdera os direitos políticos, perdera a saúde, e parecia tatear o mundo à sua volta, com a vista quase apagada. (MONTELLO, 2018c, p. 181-182, grifo do autor)^{vi}

A partir dessa nova concepção lejeuniana, considerar a obra memorialística de Humberto de Campos como obra de arte não invalida o seu aspecto autobiográfico (LEJEUNE, 2014b).



De maneira inversa, Lejeune é agora partidário de um posicionamento intermediário entre a linguagem insípida e a literária, como fica evidente a seguir:

[...] eu deveria ter designado como centro do sistema atual essa tensão entre transparência referencial e preocupação estética e mostrar [...] que, partindo de um ponto de equilíbrio, existe uma gradação contínua que vai da insipidez do *curriculum vitae* até a poesia pura. Nas duas extremidades do espectro, o contrato autobiográfico, por razões inversas, parece perder sua credibilidade (LEJEUNE, 2014b, p. 71)

Por fim, vale ressaltar que, embora tenha feito concessões em relação à sua teoria inicial, Lejeune não deixa de considerar a autobiografia um gênero legítimo. Apesar de afirmar que Roland Barthes^{vii} exerce grande fascínio sobre si, Lejeune continua a se posicionar em favor de uma autobiografia com caráter referencial, mesmo que de maneira relativizada. É sintomático que uma das últimas discussões de *O pacto autobiográfico (bis)* seja aquela que gira em torno da seguinte afirmação: “Dizer a verdade sobre si mesmo, se constituir em sujeito pleno, trata-se de um imaginário. Mas, por mais que a autobiografia seja impossível, isso não a impede de existir” (LEJEUNE, 2014b, p. 77). Assim, Lejeune já adianta o caminho que seguirá nos anos seguintes, e que culminarão no ensaio *O pacto autobiográfico, 25 anos depois* (publicado em 2001): o do fortalecimento do pacto. Nesse caminho, considerando elementos referenciais na autobiografia e reconhecendo que nem sempre se pode chegar a verdade, Lejeune afirma a força do pacto autobiográfico que, como todo pacto, precisa ser selado entre duas partes, nesse caso autor e leitor. Na autobiografia, o autor sempre proporá o pacto, contudo, cabe ao leitor aceitá-lo ou não, afinal

Quem recebe uma mensagem ambígua não pode ficar em cima do muro! Quase todas as autoficções são lidas como autobiografias. Quando eu disse “uma identidade não existe”, estava adotando, muito sabiamente, o ponto de vista do leitor... Essa é, aliás, a posição que assumo no início de *Le pacte autobiographique*: todas as análises são feitas a partir da recepção. (LEJEUNE, 2014c, p. 94, grifos do autor)

Nesse gesto reside a chave para a leitura de *Memórias e Memórias Inacabadas*, segundo Lejeune. Num contexto em que o estudo da escrita de si, seja pelo viés da autobiografia ou da autoficção, é tomado por posições díspares que disputam espaço, Philippe Lejeune encontra a solução conciliatória naquele seu primeiro conceito, o que deu o pontapé para os estudos desse campo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o percurso para analisarmos *Memórias* e *Memórias Inacabadas*, de Humberto de Campos, passamos, primeiramente, por uma contextualização da obra e sua inserção num plano autobiográfico maior, elaborado pelo seu autor e que não pôde ser colocado em prática em razão de sua morte precoce. Também discutimos acerca do seu propósito pedagógico, proposto no prefácio de *Memórias* e sua relação com as leituras feitas por Humberto de Campos em sua adolescência, relatadas em um capítulo de *Memórias Inacabadas*. Na segunda parte, passamos a analisar a obra utilizando como aporte teórico *O pacto autobiográfico*, demonstrando os pontos em que havia subsunção teórica e aqueles que se afastavam. Também levantamos questões acerca dos problemas práticos que decorriam da noção de pacto referencial. Na última parte, buscamos evidenciar a evolução da teoria lejeuniana demonstrando como essas novas proposições serviam de base para uma análise mais profunda das memórias do autor maranhense.

Assim, esperamos que tenhamos contribuído para demonstrar como Lejeune operou sua passagem de um teórico ortodoxo para alguém que se abriu a novos horizontes, tendo inclusive se voltado posteriormente para a relação entre autobiografia e poesia, autobiografia e ficção, e para os estudos sobre o diário, gênero do qual é, atualmente, um dos teóricos mais relevantes. Apesar de ter demarcado um posicionamento com a publicação de *O pacto autobiográfico*, Lejeune publicou posteriormente outros escritos que acreditamos que devem ser levados em consideração nas discussões que envolvem autobiografia, autoficção e outros gêneros da escrita de si. Assim, o Lejeune atual não é mais aquele ortodoxo de 1975, e sim, esse outro que, a partir de 1986 e de *O Pacto Autobiográfico (bis)* construiu uma teoria menos problemática e que leva em consideração questões caras às ciências humanas atuais.



REFERÊNCIAS

AGRA, Giscard Farias. *Quando a doença torna a vida um fardo: a trajetória de Humberto de Campos (1928-1934)*. 2014. 336 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2014.

ASSIS BRASIL. *A poesia maranhense no século XX*. São Luís, SIOGE, 1994

CAMPOS, Humberto de. Memórias *In: CAMPOS, Humberto de. Memórias e memórias inacabadas*. São Luís: Instituto Geia, 2009.

CAMPOS, Humberto de. Memórias inacabadas. *In: CAMPOS, Humberto de. Memórias e memórias inacabadas*. São Luís: Instituto Geia, 2009.

CAMPOS, Humberto de. *Diário secreto*. 2. ed. São Luís: Instituto Geia, 2010. vol. 1.

CAMPOS, Humberto de. *Diário secreto*. 2. ed. São Luís: Instituto Geia, 2010. vol. 2.

CAMPOS FILHO, Humberto de. *Irmão X, meu pai*. 2. ed. São Paulo: Lúmen Editorial, 1997

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico. *In: LEJEUNE, Philippe O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LEJEUNE, Philippe O pacto autobiográfico (bis). *In: LEJEUNE, Philippe O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 56-80

MONTELLO, Josué. Uma antologia necessária. *In: MONTELLO, Josué. Escritores maranhenses: 1966-1993*. São Luís: Edições SECMA, 2018. p. 241-246.

MONTELLO, Josué. Um centenário quase esquecido. *In: MONTELLO, Josué. Escritores maranhenses: 1966-1993*. São Luís: Edições SECMA, 2018. p. 231-235.

MONTELLO, Josué. A volta de Humberto de Campos. *In: MONTELLO, Josué. Escritores maranhenses: 1966-1993*. São Luís: Edições SECMA, 2018. p. 180-185

MORAIS FILHO, Nascimento. Humberto de Campos e a luta entre Antônio Lobo e Nascimento Moraes. *In: MORAES, Nascimento. Vencidos e degenerados & contos de Valério Santiago*. São Luís: SECMA; SIOGE, 1986.

Recebido em 14 de abril de 2021.

Aprovado em 18 de janeiro de 2022.

HUMBERTO DE CAMPOS
AUTOBIOGRÁFICO...
Afluente, UFMA/CCEL, v.7, n.20,
p. 111-129, jan./jun. 2022
ISSN 2525-3441

AUTOBIOGRAPHIC HUMBERTO DE CAMPOS: a lejeunian approach to Memórias and Memórias Inacabadas



Abstract: The present work aims to analyze the books *Memórias* and *Memórias Inacabadas*, by Humberto de Campos, under the autobiographical theory of Philippe Lejeune. For that, we used the first two essays of the French writer to demonstrate, in a practical way, the evolution of his theory. Thus, we use the works of Lejeune (2014a; 2014b), Agra (2014), the critical fortune on the analyzed work contained in Montello (2018a; 2018b; 2018c) in addition to the underlying reports of Campos (2010a; 2010b) and Campos Filho (1997). It is noticed, when making contact with the theory about autobiography, that Lejeune, in abandoning his hermetic initial position, manages to postulate principles that provide a better subsumption of theory to the object. Thus, he expands his studies not only with regard to the depth of the analysis of objects but also to the list of objects studied. In this way, it is possible to analyze Humberto de Campos' autobiography under different perspectives from the same theorist.

Keywords: Autobiography; Lejeune; Humberto de Campos.

128

ⁱ É o que o próprio autor afirma no segundo volume do seu diário: [Domingo, 31 de maio de 1931] Tendo iniciado, sob novos moldes, as minhas “Memórias” iniciadas em 1912 mas que se ressentiam do meu estilo e da minha cultura naquele tempo, passei a distribuir a matéria em pequenos capítulos de modo a aproveitar os miúdos episódios da infância. Nada aproveitei, a não ser o assunto, da obra antiga, que já se achava adiantada. Iniciada essa reconstituição definitiva de 13 de maio, escrevi, em 18 dias, aproveitando as sobras do tempo, 12 capítulos, que enchem 54 páginas de 23 linhas, nesta letra liliputiana e econômica. Durante o mesmo período de dezoito dias escrevi 37 artigos para jornais. (CAMPOS, 2010b, p. 184-185)

ⁱⁱ Conforme relata em seu diário, no dia 25 de janeiro de 1933, o autor achava que tinha feito um péssimo negócio (CAMPOS, 2010b)

ⁱⁱⁱ Sobre isso, o autor afirma o seguinte em seu diário: “[Sexta-feira, 24 de fevereiro de 1928] Tenho continuado nestes últimos dias a História da Minha Vida, livro de memórias em que relato os sofrimentos, desastres e vitórias do meu caminho. Dele ressaltam os meus defeitos e as minhas qualidades – grandes aqueles, pequenas estas –, mas, de qualquer modo, **os traços que fazem da minha existência uma lição viva e proveitosa à gente moça que, depois da minha morte, dela se tenha notícia**”. (CAMPOS, 2010a, p. 160, grifo nosso).

^{iv} Um dos pontos que Lejeune mais enfrentou críticas foi o fato de que, na prática, a autobiografia que ele propôs só poderia ser criada por pessoas públicas, que não só pudessem ser identificados como autor desta e de outras obras como também não levantariam dúvidas de sua existência extratextual. (LEJEUNE, 2014b)

^v Diz Lejeune (2014b, p. 69): “Desse modo pude observar um fenômeno mais amplo: nos últimos 10 anos, da ‘mentira verdadeira’ à ‘autoficção’, o romance autobiográfico literário aproximou-se da autobiografia a ponto de tornar mais indecisa do que nunca a fronteira entre esses dois campos”.



^{vi} Aqui Montello usa o vocábulo Memórias para se referir tanto à obra Memórias quanto Memórias Inacabadas (cf. MONTELLO, 2018a; MONTELLO, 2018b; MONTELLO, 2018c)

^{vii} O que não deixa de ser curioso haja visto que Barthes foi o formulador da ideia de morte do autor, concepção que invalidaria toda a teoria lejeuniana no que se refere à referencialidade.